

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MARTIN SCORSESE – ENTRE A RAIVA E O SILÊNCIO
29 de Setembro de 2026

ROLLING THUNDER REVUE: A BOB DYLAN STORY BY MARTIN SCORSESE / 2019

Um filme de Martin Scorsese

Realização: Martin Scorsese / Argumento: não creditado / Direcção de Fotografia: Paul Goldsmith, Ellen Kuras, Howard Alk, David Myers / Som: Micah Bloomberg / Montagem: Damian Rodriguez e David Tedeschi / Interpretação: Bob Dylan (Bob Dylan), Allen Ginsberg (o Oráculo de Delfos), Patti Smith (a Poeta Punk), Martin von Haselberg (Stefan van Dorp, o Cineasta), Scarlet Rivera (a Rainha de Espadas), Joan Baez (a Baladeira), Sam Shepard (o Escritor), Sharon Stone (a Rainha de Beleza), Michael Murphy (o Politico), etc.

Produção: Grey Water Park Productions e Sikelia Productions, para a Netflix / Produtores: Margaret Bodde e Jeff Rosen / Cópia digital (DCP), colorida, falada em inglês com legendagem eletrónica em português / Duração: 142 minutos / Inédito em sala em Portugal (integrante do catálogo da plataforma de streaming Netflix)

Rolling Thunder Revue: a Bob Dylan Story by Martin Scorsese foi o reencontro de Scorsese com a memória, o legado e a persona dylaniana depois do **No Direction Home** dos anos 2000 (obra também feita prioritariamente para a televisão e para os seus derivados, como a Netflix que estreou **Rolling Thunder Revue**, e vista nesta sala em 2016, quando organizámos, antes do Nobel!, um grande ciclo, O Outro Lado de Bob Dylan, sobre essa teia infernal que é a relação de Dylan com o cinema e vice-versa). Enfim, pode-se sempre suspeitar da amplitude do real envolvimento de Scorsese nestes documentários sobre figuras do universo musical que ele tem produzido em série nos últimos anos, porque um filme com o fôlego de **Rolling Thunder Revue** não se faz em cinco minutos nos intervalos da rodagem de **The Irishman**, e sem querer menoriza-lo nem a ele nem ao seu papel neste filme, sabe-se que todos os segmentos com depoimentos e entrevistas lhe foram entregues, “ready made”, pelo “escritório” de Bob Dylan, teoricamente feitas pelo seu “manager” Jeff Rosen (creditado como um dos produtores do filme), e que foi também do *lado* de Dylan que veio a sugestão de fazer o filme (razão mais que suficiente para lhe atribuir, no mínimo dos mínimos, uma co-autoria do filme, que estivemos quase a assinalar no cabeçalho lá em cima).

Em 2019, o mundo vivia ainda em ajuste ao primeiro embate com Donald Trump (que estava no último ano do primeiro mandato), e mesmo se isso não fosse a coisa mais importante a registar sobre este filme (e hoje ainda menos, ou ainda mais, sabe-se lá), os ecos deste embate notavam-se com alguma saliência. Ecos do vocabulário e das frases feitas do trumpismo: se Bob Dylan quis ou não tornar a América maravilhosa outra vez ninguém pode saber, porque nunca se sabe muito muito o que Dylan quer (e aqui o vemos e ouvimos, em vários depoimentos contemporâneos, baço como sempre, embora com um discurso que de vez em quando deixa cuidadosas fissuras para entrar alguma luz), mas nos registos de época, som & imagem, da tournée a que Dylan chamou a Rolling Thunder Revue, em meados dos anos 70, e que constituem a principal (e fascinante) matéria trabalhada pelo filme, ouvimos alguém pedir-lhe isso: “make America wonderful again”.

Os reflexos, e os contrastes, com o célebre mote de Trump, são gritantes, mas na verdade já lá estavam desde o princípio, a enformar, histórica e politicamente, esta *Bob Dylan story*. Um dos

primeiros documentos de arquivo a aparecer, logo no princípio, mostra um discurso de Richard Nixon a proferir coisas que, postas ao lado das abjecções trumpianas, têm a nobreza das declarações de um príncipe: que a América “não pugna apenas por si mas por toda a humanidade”, que a América zela igualmente “pelos que cá nasceram e pelos que para cá querem vir viver”. Pugnava e zelava assim a América dos anos 70? Se calhar não, com o fundo do Vietname, da contestação social herdada dos anos 60, da crescente tomada de consciência das discriminações raciais e de outro tipo que habitavam o coração da sua sociedade. Mas o que o filme de Scorsese vai descobrir na Rolling Thunder Revue, que Dylan lançou entre o final de 1975 e o princípio de 1976 (ano do bicentenário dos Estados Unidos, pormenor que não parece nada irrelevante), é, digamos, um “discurso”, mesmo que isento de retórica, que continua, ou é ainda mais, válido quarenta e tal anos passados: uma espécie de reencontro com as raízes heteróclitas das Américas, aquela profunda miscigenação cultural que Dylan, aqui não há dúvidas, sempre achou maravilhosa.

Esta parte da história já sabíamos: que a Rolling Thunder Revue foi uma espécie de “come-back” de Dylan aos espectáculos ao vivo, algo que interrompera em 1966 (depois do célebre acidente de moto: mais ou menos o ponto em que **No Direction Home** ficara) e só retomara em 1974 numa série de concertos com a Band; que chamou amigos e ex-namoradas (como Joan Baez) para partilharem a aventura com ele, viajando de cidade em cidade numa camioneta que o próprio Dylan conduzia (vemo-lo ao volante: “oxalá cheguemos a Boston a horas”); que foi o apogeu do Dylan mestre do disfarce e adepto das máscaras, apresentando-se em palco com a cara pintada de branco, evocando tanto os “minstrel shows” de antanho como uma espécie de fantasma sob o qual desaparecia (o filme abre com imagens de Méliès, toque indubitavelmente scorseseano, a associar Dylan à figura de um prestidigitador); que em vez dos estádios que começavam a estar na moda e onde não se tocava para menos de 30 mil pessoas, Dylan preferiu salas e teatros de muito menor dimensão, que não levavam mais de 3 mil pessoas (ouvimos o “manager” da digressão a explicar que financeiramente foi “uma catástrofe”). A tudo isto, esta “Bob Dylan story” acrescenta uma atenção deliberada ao carácter miscigenado e miscigenador dos gestos de Dylan – os pequenos pormenores quase irrelevantes, como quando diz que *One More Cup of Coffee*, a sua canção mais “cigana”, lhe apareceu num sonho uma semana depois de ter estado a assistir um recital de Manitas de Plata; e os grandes pormenores cheios de significado, como a evocação dos peregrinos do Mayflower (em versão mais espiritualmente aberta, parece Dylan dizer a certo ponto, quase defensivamente), como a evocação dos índios (imagens de um concerto numa reserva, onde Dylan toca uma canção sobre Ira Hayes, o herói índio de Iwo Jima retratado por Clint Eastwood nas **Flags of Our Fathers**), como a mais exuberante incursão de Dylan no tema do racismo americano depois de *The Lonesome Death of Hattie Carroll*, a espantosa canção *Hurricane*, dedicada ao pugilista negro Rubin Carter, condenado por um crime que nunca cometeu (e vemos Dylan, seguindo as pisadas do seu mestre Johnny Cash, em concerto no estabelecimento prisional onde Carter cumpria pena). As raízes americanas, e a violenta história da sua coabitação: talvez nem “wonderful” a América alguma vez tenha sido. Mas pela música talvez a violência se converta em harmonia e a maravilha apareça – o ideal pode ou não ser de Dylan, mas do filme é, certamente.

“Que é que ficou da Rolling Thunder Revue? Nada. Cinzas”. É a última coisa que ouvimos Dylan dizer, e isto se calhar é mais cepticismo político do que biográfico.

Evidentemente, a outra parte da graça de **Rolling Thunder Revue – a Bob Dylan Story by Martin Scorsese** é a sua tangente ao “mockumentary”. É um filme que não é completamente de fiar, que brinca ao jogo do gato e do rato com a verdade factual, que contém elementos de mascarada, como um pequeno teatro posto em cena por uma dupla de “pranksters”, Scorsese e Dylan – é sobretudo por isto que é forçoso promover-lo ao estatuto de co-autor da brincadeira, não se imagina que ele seja apenas um peão no jogo de Scorsese. A acção, de resto, passa-se no mesmo ano do primeiro encontro cinematográfico entre os dois: 1976, ano em que Scorsese filmou o último concerto da The Band, que tinha Dylan em palco para a girândola final, no que veio a ser **The Last Waltz**, estreado

em 1978, pai ou mãe dos documentários musicais que nos últimos anos se tornaram parte importante do trabalho do cineasta.

Na verdade, **Rolling Thunder Revue** abunda em anúncios da sua desfaçatez. A começar no título, que menciona “story”, não “history”, distinção que na língua portuguesa perdeu algum uso mas na língua inglesa continua a ser importante para separar as águas do conto ficcional e do relato histórico. E a seguir na introdução, um excerto de um velho filme de Méliès que vem ocupar os primeiros segundos de filme, imediatamente lançando as operações sob o signo do “truque” e da prestidigitação. Notar-se-á ainda que certas intervenções (como as mais farsantes de todas, as de Sharon Stone) são antecidas de excertos de velhos filmes a preto com cenas de máscaras, mimos, e etc, que de resto voltam noutros momentos (notoriamente, no final), e não estão a fazer lá nada, de tão exteriores que são ao universo retratado, se não a cumprirem uma função de advertência cúmplice ao espectador – cuidado com aquilo em que acreditas: se alguém ainda tiver dúvidas de que **Rolling Thunder Revue** é também, ou pelo menos em grande parte, um filme sobre a América contemporânea, que o veja à luz das “fake news” e das novas credulidades.

Outros momentos surgem com menos avisos, à espera que o espectador, sobretudo o dotado de memória cinéfila, detecte a brincadeira. É nomeadamente o caso das intervenções de um suposto senador americano, um tal de Jack Tanner. Se reconhecermos, por detrás da figura de Tanner, o actor Michael Murphy, ficámos à beira de entrar num “universo partilhado” como o dos super-heróis: é que Murphy, e a própria personagem de Jack Tanner, vêm do universo de Robert Altman. Tanner era a personagem central de **Tanner 88**, uma mini-série de fundo político que Altman dirigiu no final dos anos 80, encarnada por Murphy, que já fizera um papel de político em **Nashville**, o “épico” altmaniano sobre a capital da música “country”. O labirinto de **Rolling Thunder Revue** pode ser tão intrincado como isto.

Mas foi sempre assim a relação de Dylan com o cinema – nos filmes que fez em nome próprio e nos filmes em que entrou ou “infectou” com a sua presença. Pequenos labirintos em que ele segue, de máscara no rosto e baralhando o rasto da sua passagem. O seu primeiro filme como realizador foi **Eat the Document**, em meados dos anos 60, título significativo quanto ao que Dylan entendia que devia ser feito ao “documento”, e um filme que nasceu por reacção directa ao célebre **Don’t Look Back** em que Pennebaker o “documentara” durante uma digressão pelo Reino Unido (e um filme que é um momento-chave da “iconografia” dylaniana, depois amplamente glosado por Todd Haynes em **I’m Not There**). Dylan não se limitou a “comer” o documento: regurgitou-o, num filme tão caótico e fragmentado (talvez sob a influência do contacto com os filmes de Jonas Mekas) que foi recusado pelo comanditário (a cadeia de televisão CBS, que achou aquilo tudo uma salganhada intragável), e viveu desde então no limbo da semi-invisibilidade.

E, depois, o grande “não dito” de **Rolling Thunder Revue: Renaldo & Clara**, o mais ambicioso filme realizado por Bob Dylan, enorme labirinto onde Dylan se está sempre a escapar entre corredores e por detrás de máscaras, o filme que começa – e é quase uma epígrafe com validade para além dele – com uma senhora a perguntar a Bob Dylan onde está Bob Dylan e Bob Dylan a responder-lhe que Bob Dylan anda por aí, “é o tipo com o chapéu”. É o grande “não dito” de **Rolling Thunder Revue** porque foi integralmente filmado durante aquela mesma digressão, com os mesmos intervenientes (ou parte deles: Sara Dylan, a mulher de quem Bob acabara de se divorciar, não aparece em **Rolling Tunder Revue**), e não merece uma única menção mesmo se a montagem de Scorsese inclui abundante material extraído dali. Van Dorp, o suposto “autor” dessa “footage”, é uma ficção, e de certo modo mais uma máscara do próprio Dylan, como o cineasta por trás do “cineasta” (aspas reversíveis) – mas Sam Shepard, não: ele foi o principal “sidekick” de Dylan nesse filme, escrevendo cenas e diálogos que depois o cantor e a sua entourage interpretavam (mas no filme de Scorsese qualquer menção ao facto de Shepard estar a escrever um “argumento” é cuidadosamente removida).

E finalmente, o muito desconhecido **Masked and Anonymous** (título que podia ser uma epígrafe para Dylan em geral), realizado no princípio dos anos 2000 por Larry Charles (conhecido pelos filmes com Sacha Baron Cohen), mas interpretado e escrito por Bob Dylan (sob o pseudónimo de Sergei Petrov), e centrado numa personagem que é como uma projecção do próprio Dylan, numa América que parece saída dum filme de John Carpenter, e povoada pelas personagens da *Desolation Row*. Acabava com Dylan a reflectir, numa voz off sobre o seu rosto: “a verdade, como a beleza, está nos olhos do observador”.

Talvez que o mesmo se passe em **Rolling Thunder Revue: a Bob Dylan Story by Martin Scorsese**.

Luís Miguel Oliveira